

CID SEIXAS

NOVENTA ANOS DO MODERNISMO

na Feira de Santana
de Godofredo Filho



<https://issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho>

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

“Godofredo Filho é o legítimo precursor do modernismo na Bahia e um dos melhores poetas brasileiros de sua geração. A rigor, não pertenceu ao grupo de Chiacchio; tinha-se antecipado de alguns anos em escandalizar as tranquilas consciências literárias de nossa terra, com experiências surrealistas que, se fizeram rir a muitos, deixaram outros apreensivos, pois, também havia certa ordem nessa loucura”

Eugênio Gomes

“O feirense apaixonado por sua terra que, nos ARQUIVOS IMPLACÁVEIS, de João Condé, publicados em *O Cruzeiro*, muitos anos atrás, declarou categórico que haveria de sepultar-se em Feira de Santana, no Cemitério da Piedade.”

Consuelo Pondé

CID SEIXAS

**NOVENTA ANOS
DO MODERNISMO**

NA FEIRA DE SANTANA
DE GODOFREDO FILHO

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Dante Lucchesi (UFF)

Flávia Aninger Rocha (UEFS)

Itana Nogueira Nunes (UNEB)

Massaud Moisés (USP)

Figura da Capa: Juraci Dórea

Tipos Original Garamond, corpo 14

Formato 100 x 160 mm

Número de páginas: 66

SUMÁRIO

- 1** Vanguarda modernista
na Feira de Santana 11
- 2** Godô, o Velho Bruxo 15
- 3** Um desbravador
do modernismo na Bahia 17
- 4** Referências 59



Os poetas Godofredo Filho, Eurico Alves e Carvalho Filho, na Fazenda Fonte Nova, em São José das Itaporocas, Feira de Santana.

Para Carvalho Filho,
companheiro de Godogredo
e poeta de águas profundas,
“debruçado sobre o mundo interior”,
que viveu parte da mesma história.



Capa de *Irmã poesia*. Rio, Tempo Brasileiro, 1986. Trata-se da obra reunida, publicada quando o feirense Edivaldo Boaventura foi Secretário de Estado do governo João Durval, também feirense. A editora Tempo Brasileiro foi fundada pelo escritor e ex-ministro Eduardo Portela, nascido na Feira de Santana. Coforme Mallarmé: *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*.

Vanguarda modernista na Feira de Santana

O texto principal deste *e-pocket* teve origem por ocasião das comemorações dos cinquenta anos de presença literária do poeta feirense Godofredo Filho. Na edição do dia 23 de maio de 1975 da *Tribuna da Bahia* foi publicado um artigo intitulado “Godofredo Filho, 50 anos de presença literária e do modernismo na Bahia” (Seixas, 1975), ilustrado com fotografias do acervo do poeta.

Nascido na Feira de Santa, no dia 26 de abril de 1904, Godofredo morreu em Salvador, no dia 22 de agosto de 1992, aos 88 anos de idade. Tendo passado a residir na capital do Estado, onde fez sua carreira de intelectual, mesmo quando chegada a velhice, o poeta ainda costumava retornar com frequência à sua fazenda na cidade natal.

A ligação telúrica de Godofredo Filho com a sua cidade é testemunhada por Consuelo Pondé, ex-aluna do escritor na antiga Faculdade de Filosofia , Ciências e Letras:

“Mas, aqui e agora, estou a lembrar o feirense apaixonado por sua terra que, nos ARQUIVOS IMPLACÁVEIS, de João Condé, publi-

cados em *O Cruzeiro*, muitos anos atrás, declarou categórico que haveria de sepultar-se em Feira de Santana, no Cemitério da Piedade.” (Pondé, 2013)

Nas constantes idas à Feira de Santana, Godofredo procurava se encontrar com outro escritor feirense da mesma geração, Eurico Alves (27 de junho de 1909 / 04 de julho de 1974), cujo papel de destaque no modernismo baiano se deu em revistas da década de 20 como *A Luva* e, especialmente, *Arco & Flexa*, da qual foi um dos fundadores, segundo testemunho de Hélio Simões em depoimento a Ívia Alves (1978).

Godofredo contava que seu trissavô manteve na fazenda, na Feira

de Santana, uma orquestra formada por escravos e forros, tipo de requinte pouco conhecido no sertão baiano e sobre o qual não existem registros conhecidos. Bem verdade que Eurico Alves (1989), no estudo intitulado *Fidalgos e Vaqueiros*, registra, já a partir do título, o espírito de requinte contrastante com a imagem que se tem do agreste feirense.

Agora em 2015, deveríamos comemorar os 90 anos da poesia moderna na Bahia. Em janeiro de 1925, Godofredo Filho publicou seus primeiros poemas de feição moderna na página literária do jornal *A Tarde*, acompanhados do artigo “Poesia Nova”, de Carlos Chiacchio.

Dois anos depois, no Rio de Janeiro, *O Jornal* (1927) também pu-

blicava uma entrevista com o poeta feirense, abrindo espaço na Capital do País para o lançamento de *Samba verde*, no ano seguinte.

Na Bahia, nos anos de 1974 e 1975, uma série de eventos, promovidos pelo poeta Carlos Cunha e por mim, marcaram os cinquenta anos do modernismo, com ênfase na figura de Godofredo Filho. Foram publicadas as plaquetas *Solilóquio* (contendo sete poemas e a reprodução do manuscrito do soneto que dá título ao volume) e *Sete cantares de amigo*, com poemas de Carlos Cunha, Carvalho Filho, Cid Seixas, Florisvaldo Matos, Humberto Fialho Guedes, Ildásio Tavares e Myriam Fraga, dedicados ao autor de *Solilóquio*. A contracapa dos *Sete cantares*

de amigo, assinada pelo crítico modernista Alceu Amoroso Lima, destacava aquilo que ele, com muita propriedade e acerto, chamou de “a extraordinária originalidade da sua poesia”. (Lima, 1975)

Godô, o Velho Bruxo

No campo dos pentagramas
sete fonemas sonoros
proclamam em consonância
a convocação da palavra.

Sobre a clareza da folha,
cada som tem um sentido;
aqui o verso tem vida
na pauta do seu dizer.

É a transmutação dos metais
em verbo cortante e preciso
que o Velho Bruxo enleva
no condão da sua pena.

As vinhas estão florindo
por entre os dedos do mágico
que retira do chapéu
os prazeres do sentido.

Cid Seixas

HOTEL UNIVERSAL

WALTER ERISMANN

FEIRA DE SANT'ANNA

CARDAPIO

Do dia 6 de Maio de 1934

Almoço

Sopa de massa

Sarapatel a Godofredo Filho

Costeletas a Lafayette Pinola

Macarronada a Fluctuando Silva

Frigideira de Camarões a Eurico Alves

Lombo rito a fraste

Difus a fili a Georgina

SOBRE MEZA

EXTRA

TERCEIROS	VINHOS	MINIBRANDES E UZOSAS
Doce-de-leite	R. G. Agente	1/2 Casamir
Melancia	Castello	Salutano
Amorim	Superior	Sar. homenes
	Colabete	My. expresso
	Alm. am. 10	Grand. P. unica
	Indic. 10	Soda. Somb. 10
	Bar. 10	Passo
		Quindale

Na reprodução, constante do acervo de Eurico Alves, vê-se o cardápio do almoço oferecido à poetisa e musicista Georgina Erismann (1893-1940), autora do Hino da Feira de Santana. Entre os pratos, estão incluídos o *Sarapatel a Godofredo Filho*, além da *Frigideira de Camarões a Eurico Alves*, homenagem aos dois poetas modernistas da cidade.

Um desbravador do modernismo na Bahia

Enquanto, em São Paulo, a década de vinte marcava o rompimento brusco e panfletário da inteligência mais atuante com os postulados estéticos do século XIX, na Bahia, parnasianos caudais e simbolistas de voo rasteiro fossilizavam o prestígio de um decadentismo cultural que podemos chamar de *belle époque* epigônica dos becos e botecos da antiga metrópole colonial.

Para melhor compreensão da vida literária baiana dessa época, convém não perder de vista o alvorecer do século, quando Afrânio Peixoto e Xavier Marques esboçaram um procedimento estético que se tornou matriz para poetas, prosadores e publicistas do primeiro quartel do século XX, na velha Cidade do São Salvador e adjacências.

Lembre-se que a posição desses dois escritores nas letras nacionais já representava uma contemporização do romantismo, aliada às pálidas tintas de um naturalismo meteórico. Por isso, a *belle époque* baiana pouco acrescentou ao seu passado, limitando-se a um pastiche dos seus dois predecessores imediatos.

A rigor, após o romantismo, poucos conseguiram permanecer a cavaleiro nesse baile castroalvino de viúvas condoreiras, que era o grande sarau literário da chorosa Bahia de Cecéu. Entre estes, destacam-se uns poucos heróis: os “bravos rapazes” das revistas *Nova Cruzada* e *Os Annaes*, que desempenharam o papel de disseminadores do simbolismo, no primeiro decênio do século. Mas os nomes de Pethion de Villar, Pedro Kilkerry, Durval de Moraes e Arthur de Salles não poderiam transpor os limites do simbolismo visto da província e anunciar a instauração do pensamento moderno. Embora insólitos com relação ao gosto literário do fim do século XIX, as próprias condições do ambiente cultu-

ral baiano criavam entraves para o grande salto que representaria uma nova revolução na sua formação estética.

Bem verdade que em outros estados nordestinos, poetas de inspiração parnasiana e simbolista evoluíram para o modernismo, conforme o significativo exemplo de Jorge de Lima – que começou como sonetista neoparnasiano, autor do antológico “Acendedor de Lampiões”, um dos *XIV Alexandrinos*, e chegou a ostentar o título de Príncipe dos Poetas das Alagoas, conforme registrou Alfredo Bosi (1974). Jorge de Lima conseguiu dar o salto e já com *O Mundo do Menino Impossível* adere ao modernismo, como ressalta Manuel Bandeira (1967). Como epígra-

fe dos *Novos Poemas* se lê: “E o menino impossível quebrou todos os brinquedos que os vovós lhe deram”.

Já entre os baianos, os brinquedos doados pelos avós eram guardados e transformados em utensílios poéticos pelos netos adultos, veneráveis anciões a brincar com pelourinhos de papel dourado. Até mesmo o fenômeno Kilkerry, “sistema de alarma premonitório” da arte poética moderna, teve sua voz abafada pelo som bombástico dos atabaques retóricos. Marshall McLuhan (1974) tornou lugar comum a concepção de Ezra Pound, no seu *Abc da Literatura*, do artista como “antenas da raça” ou como antecipador de ocorrências e tendências sociais. Surpreendentes, mas em perfeito e tácito acordo com

tais concepções, são alguns trechos do poeta Pedro Kilkerry no *Jornal Moderno*, em 1913, sob o pseudônimo de *Petrus*:

– “Olhos novos para o novo! Tudo é outro ou tende para outro!”

– “O metro é livre: vivamo-lo. O mais importante, porém, de tudo, dessa complexidade, de toda essa demência raciocinante é que as harmonias individuais, os caracteres não podem ser velhos como os senadores de Roma ou os sete sábios que confiaram longas barbas na velha Grécia. Não se arrastam passos, braços não tremem; na existência do século não se titubeia.”

– “Ao tempo em que escrevo estas linhas, já aí está a urgência suarenta do tipógrafo a espiá-la e ouço a trepidação ansiosa do maquinismo impressor, a que estou associando a ânsia dos leitores no nosso órgão, que é o do seu momento social, da hora que soa.” (Kilkerry , 1913)

Apesar da sonora proposta vanguardista – *Olhos novos para o novo!* – a província desconheceu ou não quis entender a contribuição de Kilkerry, cujo pensamento foi encontrar paralelo anos mais tarde, não mais na Bahia, mas em São Paulo, pelo intrépido *voyeur* Oswald de Andrade – “Ver com olhos livres”

(1972) –, conforme notou e anotou atento Augusto de Campos (1970).

Por uma desconfiada indiferença ao novo é que se costuma afirmar que o movimento modernista só chegou à velha Província da Bahia vinte ou trinta anos depois. Na verdade, há um injusto exagero, porque em 1925, ou seja, três anos após da Semana de 22, um jovem poeta baiano, então desconhecido, publicava seus primeiros trabalhos no suplemento literário do jornal *A Tarde*, causando estranheza e tumulto. Era Godofredo Filho, o mesmo iniciante que mereceu da Pongetti a edição do livro *Samba verde*, em 1928, ano em que o modernismo tupiniquim saltou da sua fase demolidora para um profundo encontro com a identida-

de do Brasil. Anos mais tarde, a revista *Ocidente*, de Lisboa, abriria algumas vezes as suas páginas ao poeta baiano, como em 1971, através do ensaio de Jerusa Pires Ferreira, que afirma com ênfase: “É ainda na alquimia que Godofredo Filho se mostra o grande preparador, o grande aliador e codificador de mistérios, um dos mais injustiçados poetas brasileiros.” E acrescenta: “É preciso conhecê-lo para avaliar a sua altitude transfiguradora, a sua grandeza de destruidor/construtor (princípio mecânico que rege a arte e a consciência de uma Modernidade).” Ainda diz mais:

“Em Godofredo Filho há uma depuração ou exaltação alquímica

do macabro, a organização do desconcerto buscando um Caos salvador, uma liga de que se conhecem e arrumam os elementos e em que se manipulam vocábulos raros como se poderia manipular o simbolismo das cores operacionais. “Canto cruel” é o caminho cada vez mais intenso de um poeta que não chega a ser tragado pelo maldito, porque nos dá e retira, ele próprio, a possibilidade de entrever longínquos mundos, perdidas perfeições distantes, de se salvar ou nos salvar por um *ciclone de cristal, no vale misterioso que a música suspende.*” (Grifo da Autora. Ferreira, 1971)

Eugênio Gomes (apontado por muitos como o autor do primeiro li-

vro modernista publicado na antiga metrópole colonial), ao discutir a presença da arte moderna na Bahia, afirma que “quem quiser captar as suas primeiras manifestações terá que começar pelo poeta Godofredo Filho.” E conclui:

“Este fino lírico atraiu para si a pior empreitada, atirando-se inicialmente sozinho à jaula dos leões da reação local, no começo da década de 1920, quando o eruditismo intolerante ainda predominava de maneira hostil”. (Gomes, 1954)

Vejamos então o acontecimento tomado como marco inicial da consciência modernista na Bahia: a estreia

literária de GF, que se deu há noventa anos, quando, sob o título de *Poesia Nova*, o crítico Carlos Chiacchio publicava a seguinte nota:

“Godofredo Filho, vinte anos em flor, é o poeta que hoje o suplemento literário da *A Tarde* vae revelar ao mundo das letras. A sua obra, só conhecida dos íntimos, é já numerosa e rica em prova de talento, de tamanho prestígio lyrico, nas suas promessas calorosas, que se lhe pode classificar, no conceito justo de um dos nossos homens de letras, como *a maior expressão da poesia nova da Bahia.*”

E prossegue nesse mesmo texto que, embora não estivesse assinado

por Carlos Chiacchio, a autoria não permite qualquer tipo de dúvida porque figurava na seção mantida no jornal *A Tarde* pelo conceituado crítico. Peculiaridades da província...

“É perfeitamente dispensável adiantar juízos críticos sobre as produções que a seguir publicamos, valendo apenas, por alegria de reconhecer valores legítimos na nossa fecunda terra tradicional da poesia e do talento, chamar a atenção dos leitores para este poeta moço, vibrante de rythimos sadios e idéias novas, tão empolgantes pela frescura matinal das tintas, como impressivas pela precocidade extraordinária dos seu estro.” (Chiacchio, 1925)

Além da apresentação, inegavelmente honrosa para um jovem de apenas vinte e um anos (pois lhe abria as portas de uma roda fechadíssima, girando em torno dos nomes que reverenciavam a figura de Chiacchio), eram publicados cinco poemas de Godofredo: “Ironia”, “Melancolia do Arrabalde”, “Onde o silêncio dorme”, “Esta saudade do adolescente lyrico” e “Poça d’água”.

Logo depois viria a projeção do seu nome nos meios modernistas do sul do País, quando o poeta Manuel Bandeira reuniu um grupo de intelectuais numa das célebres noitadas da sua casa de Santa Tereza. Eugênia e Álvaro Moreyra, os então jovens Mário de Andrade, Jayme Ovalle, Prudente de Moraes Neto, Augusto

Frederico Schmidt e Rodrigo M. F. de Andrade ouviram pela primeira vez os versos de Godofredo. Assim o seu nome passou a ter livre trânsito, tanto pelas entrevistas sobre arte moderna concedidas a *O Jornal* (1927) e a *O Globo* (1928) quanto pelo respeito que merecera dos iniciadores do modernismo brasileiro.

A atenção com que os modernistas do primeiro momento acompanharam Godofredo Filho pode ser testemunhada tanto pelas alusões críticas ao seu trabalho quanto por episódios particulares, registrados em correspondências, hoje transformadas em documentos valiosos para o estudo de um momento privilegiado da inteligência brasileira. Entre estes papéis está um bilhete, de

1927, escrito por Mário de Andrade a Couto de Barros, numa folha amarrotada:

“Eu gosto muito de Godofredo Filho e quero pedir para você fazer as honras da nossa terra pra ele. Escrevo nisso porque cadê cartão? Cartão está na mala grande lá no hotel e eu nesta Cabaça grande comendo uma peixada à moda da casa com vinho Granjó e quase desistindo de falar brasileiro diante destas tradições gostosas. Mostre coisas bem bonitas, heim! Arquiteturas, Tarsila, São Bento, Guilherme com Baby, você, prudencial e cômico etc.” (Andrade, 1927)

Veja-se o fac-símile do referido Bilhete de Mário de Andrade a Couto de Barros publicado no número do *Jornal de Cultura*, suplemento literário do *Diário de Notícias*, dedicado ao poeta, nas comemorações dos seus setenta anos. (Seixas, 1974)

Convém lembrar ainda o artigo de Manuel Bandeira que testemunha a luta de GF e torna incontestável a posição, que lhe é de direito, de iniciador do modernismo na Bahia:

“A apresentação vale a pena. Godofredo Filho é um admirável poeta. Tem 23 anos e nunca saiu da Bahia. Sensibilidade ardente e pronta, técnica precisa, ao par dos últimos achados da vanguarda”. (Bandeira, 1927)

Enquanto, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, Godofredo Filho assumia o papel de reverberador das ressonâncias modernistas ocorridas em terras baianas, aqui na Província, o movimento ia aos poucos se estabelecendo. Numa época em que os jovens – congregados em torno de Anísio Teixeira – passavam das letras às disputas filosóficas e às justas políticas, Godofredo Filho e Jerônimo Sodré fundavam a *Liga de Ação da Mocidade*. Era um “misto de sociedade literária e científica, de partido político e falange revolucionária, cuja organização impossível e estatutos chegamos a esboçar”. (Godofredo Filho, 1952)

Nestor Duarte, Jayme Junqueira Ayres, Felix Poncet, os dois Faria

Gois, Hebert Fortes, Luís de Sena, Hermes Lima e Luís Viana Filho eram os nomes de prestígio jovem. Somente depois, como assegura GF em depoimento de 1952, é que surgiria o grupo *Arco e Flexa*, com “aqueles irrequietos rapazes, que hoje são os queridos e sereníssimos Rafael Barbosa, Hélio Simões, Pinto de Aguiar, Eurico Alves, sem falar nos que por aí vão esqueci-dos”. (Godofredo Filho, 1952)

Desse modo, Carvalho Filho, Eugênio Gomes, Hélio Simões e Afrânio Coutinho foram expressões das mais significativas, no âmbito da criação ou da reflexão crítica, de uma consciência de modernidade que se esboçava, mas cujos primeiros em-

bates têm como cavaleiro a figura de Godofredo Filho.

O próprio Eugênio Gomes afirmou que o autor de *Solilóquio* é “o legítimo precursor do modernismo na Bahia e um dos melhores poetas brasileiros de sua geração”. Esclarece ainda que “a rigor, não pertenceu ao grupo de Chiacchio; tinha-se antecipado de alguns anos em escandalizar as tranquilas consciências literárias de nossa terra, com experiências surrealistas que, se fizeram rir a muitos, deixaram outros apreensivos, pois, também havia certa ordem nessa loucura” (Gomes, 1954)

Assentada a importância do papel desempenhado por GF na renovação das nossas letras, resta-nos um problema estritamente ligado a esta dis-

cutida e discutível renovação. Sabemos que em 1928 a Pongetti imprimiu *Samba Verde*, com poemas nitidamente modernistas de Godofredo Filho (1928), como o onomatopaico *Fiau*, espraçando-se confortavelmente pela folha em branco:

“– Zum!

– Fiau!

A vaia do vento,
pela boca entreaberta da janela,

esguincha,

pincha

e raiva, fria,

uma ironia

bravia

que assovia...

– Fiau!

Bulindo, tinindo, rindo dessa

tranquilidade ingênua
os interiores,
em brusca troça, brava, boa,
rechina
estoura,
espouca
a vaia
que azagaia,
do vento
agora bronco, meio broco,
enrouquecido,
apalermado
o vento...
– Fiau!”

Nesse mesmo ano de 1928, antes do esperado lançamento de *Samba verde*, Godofredo recolheu a edição do seu livro, argumentando que este não mais representava a deriva, ou o

caminho, da sua pesquisa estética. Teriam os tambores antigos atingido os ouvidos cosmopolitas do modernista baiano, abatendo o pássaro em voo pleno? Ou o jovem poeta percebeu no calor da hora a silenciosa guinada modernista que traçou uma divisória entre 1922 e 1928?

A tradição fala forte na primeira capital da colônia, onde a vanguarda é *tradiccionista*. Em 1928, o mesmo ano da des/publicação de *Samba verde*, quando os jovens Pinto de Aguiar, Hélio Simões, Eurico Alves e Carvalho Filho lançaram a revista *Arco & flexa*, o movimento renovador baiano já vinha atenuado pela designação da sua proposta de um *tradiccionismo dinâmico*.

Daí as controvérsias e a afirmação que o modernismo não chegou a subir as ladeiras da velha Bahia. Muito se aventou que nem Godofredo Filho nem os poetas que vieram a seguir, como Carvalho Filho, Hélio Simões e outros chegaram a se definir pelo modernismo, uma vez que atenuaram as primeiras posições de vanguarda. Mas Eugênio Gomes, que integrou essa geração, propugna pela inclusão da Cidade da Bahia na geografia modernista dos primeiros combates; e afirma que

“é uma exclusão incompreensível, sabendo-se que a terra de Gregório de Matos – tão bravo em suas rebeldias! – não esteve, de modo algum, alheia e este movimento, em-

bora fosse, por sua condição de cidade tradicionalmente acadêmica, o mais obstinado reduto contra a revolução estética”. (Gomes, 1954)

A propósito, o poeta Manuel Bandeira, com sua visão crítica aliada às antenas do artista, um ano antes da anunciada publicação de *Samba Verde*, mostrou a ambivalência da condição poética de Godofredo Filho e a sua ânsia de domar antíteses. Essas contradições aparentes, Alceu Amoroso Lima percebeu depois, ao se referir à *ataraxia* do poeta, que é uma máscara de violentos conflitos entre a ânsia carnal e a angústia metafísica. Usando essa expressão, que na perspectiva dos estoicos remete a um

estado de alma marcado pelo equilíbrio na escolha dos prazeres sensíveis e espirituais, o crítico modernista proclama:

“Nenhum poeta brasileiro soube, como você, *imobilizar* o tempo e a paixão, sem retirar, nem a um, nem a outra, a sua infinita *mobilidade*. É isso, creio eu, que faz a extraordinária originalidade de sua poesia, tão aparentemente sofisticada e fria, e no fundo tão dramaticamente sensual, culinária, falérnica, numa coincidência de contrastes que é a marca do seu vinho das videiras do seu sítio íntimo, do seu jardim fechado, e no entanto aberto a todos os furacões do mundo e da carne”.

(Lima, 1975)

Mas deixemos para outro momento a discussão do embate entre ‘deuses’ conflitantes na alma do poeta e insistamos, mais um pouco, no plano formal, onde Godofredo Filho faz refletir a mesma dialética de embates. É por isso que, ao saudar com entusiasmo a vinculação do poeta baiano aos “últimos achados da vanguarda”, Manuel Bandeira sublinhou o seu respeito pela tradição:

“E, o que é inestimável, a ausência de preconceitos modernistas. Sem dúvida que detesta passadistas, mas não é um dos tais que desejariam botar a baixo a Sé Velha para abrir avenidas amplas e arejadas. É namorado de todas as casas velhas da Bahia, que ele co-

nhece palmo a palmo. Sabe a hora propícia em se olhar tal fachada, tal pórtico, tal saguão, tal janela. E confia-nos ao ouvido, como se revelasse intimidades de amigo, os detalhes históricos daquelas pedras veneráveis.

– Aqui, nesta Capela, Vieira pregou o famoso sermão contra as armas holandesas...

E o perfume que lhe vem da terra natal não é cheiro de velharia, mas odor virente de mocidade que exalta: *No silêncio da tarde americana... / (Ó cheiro bom de mulher moça!) / Perfume da minha terra!*

A poesia de Godofredo Filho é tão bem educada como a de Ronald ou de Guilherme. Porém, debaixo

daquela sobriedade elegante de cidadão há assombrações desatinadas de jagunço, há dendês chiando no fogaréu vermelho e rumores inquietantes de arapuás danados...”
(Bandeira, 1927)

De acordo com o testemunhos de época, Godofredo Filho perdeu, ao deliberadamente rejeitar o livro *Samba Verde*, a oportunidade de se fazer um dos modernistas brasileiros mais atuantes, publicado, discutido e pioneiro, enquanto a Bahia se retirava furtivamente dos primeiros momentos de produção e recepção da arte moderna no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, pode-se argumentar que a atitude de GF contrapunha uma vantagem sobre os moços da *Klaxon*,

pois já via além dos embates iniciais do modernismo, sem os preconceitos aludidos por Bandeira e sem a *carnavalada* (título de um dos poemas de *Samba Verde*) destruidora, contra a qual o autor de *Paulicéia desvairada*, somente duas décadas mais tarde, se levantou de modo claro, admitindo os gestos vazios de 22.

Ao criticar *A estética do modernismo*, publicada na Paraíba por Ascendino Leite, Mário de Andrade (1972) fala da

“mesma felicidade abundante e satisfeita de si, com que os modernistas de há vinte anos atrás afirmavam que Alberto de Oliveira era um trouxa e Camões uma bes-

ta. Depois, verificou-se de novo que nem Camões era besta nem Alberto Oliveira um trouxa, e as afirmações grotescamente ofensivas e sem nenhum valor crítico ficaram apenas como cacoetes de alguns retardatários.”

Mário de Andrade distinguia perfeitamente a fase inicial, demolidora, de 22, da fase de realização plena, após a derrubada das barreiras à criação. Esse mesmo artigo crítico de 7 de janeiro de 1940, intitulado singularmente de “Modernismo” é finalizado com uma lúcida afirmação, típica do autor:

“O Modernismo foi um toque de alarme. Todos acordaram e vi-

ram perfeitamente a aurora no ar. A aurora continha em si todas as promessas do dia, só que ainda não era o dia. Mas é uma satisfação ver que o dia está cumprindo com grandeza e maior fecundidade, as promessas da aurora. Ficar nas eternas aurorices da infância, não é saúde, é doença. E a literatura brasileira aí está, bastante sã. Adulta já? Quase adulta...” (Andrade, 1972)

Se não tivemos na Província da Bahia as célebres batalhas travadas nas praças, teatros e salões de São Paulo, o papel da inteligência local não foi o da indiferença absoluta, porque alguns dos seus homens de

letras tentaram amadurecer os frutos novos. E, neste sentido, também os poemas de Carvalho Filho, Hélio Simões e Eurico Alves aliam modernidade e maturidade, inscrevendo seus autores num lugar privilegiado.

É claro que, com a morosidade dos meios de comunicação da época, a Bahia, estando geograficamente distante de São Paulo, só poderia receber intempestivamente o entusiasmo diante das novas ideias. Esta é uma das razões pelas quais a terra de Castro Alves não aderiu francamente ao bloco destruidor do modernismo; aliada a tantas outras que tornaram a reação similar à dos outros estados.

Carlos Drummond de Andrade (1992), saído das Minas Gerais para o epicentro dos acontecimentos, homenageou o poeta baiano com os quartetos seguintes:

“Enlaçam-se por um segundo
que é milagre da poesia
o verso de Godofredo
e o fascínio da Bahia.

Com o fervor de quem ama,
essa pauta melodiosa
sobre Ouro Preto derrama
o róseo encanto da rosa.

Assim, ó poeta, iluminas
por tua quente poesia
graças maduras de Minas
e a volúpia da Bahia.”

Para Agripino Grieco,

“Godofredo é um místico que ainda não achou a sua mística. Saudoso, compõe umas arietas sentimentais, tramas aéreas de versos quase incorpóreos, que recita com voz sufocada, de quem está sendo estrangulado pelo garroteador da tela de Goya. Na virtuosidade do abstrato, Godofredo converte tudo em visão arcaica. É um alucinado dos séculos esse pobre menino perdido num mundo sem alma, num mundo de bichos de ferro. Doido pelo acarajé e também pelas vendedoras de acarajé, sabe toda a Bahia de cor, trecho a trecho, bequinho a bequinho. Conhece a cor do tempo, a cor dos olhos de

todas as criaturas. Romântico cantor de Ouro Preto e da sua Feira de linhas retas, adormecida de planura, como a bela do conto de Perrault”. (Grieco, 1934)

Ele volta assim à questão do embate entre forças conflitantes na poesia e no espírito do poeta Godofredo Filho. O mesmo conflito percebido por outros críticos da sua obra: o requinte do pensamento racional, por um lado, e, por outro, a sensualidade apimentada de “dendês chiando no fogaréu vermelho e rumores inquietantes de arapuás danados”. (Grieco, *ibidem*)

Como já afirmou Eugênio Gomes, não se deve ignorar a presença do modernismo na Bahia. O que não

ocorreu foi um movimento agressivo e pleno (como o *Sturm und Drang* dos românticos alemães), mas não se podem negar as adesões às novas conquistas estéticas nem a importância da contribuição pioneira de um poeta atento aos novos rumos da arte e capaz de assumir, no calor da hora, a reflexão em torno de um movimento que ainda se processava.

Mas um recuo fatal para a recepção da sua poesia, e para a literatura baiana, excluiu Godofredo Filho do *pantheon* dos poetas nacionais: privar o público do conhecimento do seu trabalho, uma vez que a livre circulação de *Samba Verde* representaria a continuidade do estabelecimento do seu nome, que começava a se fazer com as entrevistas sobre arte

moderna e as primeiras leituras dos seus versos. A ausência do poeta dos meios literários do Sul e as pequenas edições (de cinquenta e até mesmo quinze exemplares) que avaramente impunha à sua obra, impediram a Bahia de ter hoje, no âmbito nacional, um poeta de reconhecida qualidade.

O depoimento do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, publicado nas páginas do *Galo Branco*, anos depois da desventura modernista do poeta baiano, servem para avaliar a posição do jovem autor de *Samba verde*, na fase efervescente da arte moderna:

“Mestre Godofredo Filho move-se com lentidão e dignidade. Vo-

zes o saúdam de janelas antigas (...). Lembro quando chegou o Mestre ao Rio em mil novecentos e vinte muitos, pageado por Mário de Andrade. Moço em flor, mas já macio, civilizado, correto. Agora é um madurão como eu mas continua o mesmo homem fiel às preocupações de sempre, aos temas baianos bem amados. Acontece apenas que Godofredo Filho já se misturou para sempre à atmosfera, ao espírito, aos azeites baianos. É um baiano que, à força de o ser, universalizou-se. Tão baiano que é um grande da cultura, de toda parte.” (Schmidt, 1957)

Numa louvação epistolar, Alceu Amoroso Lima completa o retrato

do poeta falando do “prazer autenticamente requintado que a leitura dos seus sonetos, dignos de Horácio e Gôngora, me proporcionou”, acrescentando:

“Como o nosso Albano, dos tempos simbolistas, Você se manteve fiel à sua mais pura inspiração clássica, *não neoclássica*, nos campos do modernismo. Como um Guilherme de Almeida, ou como um Aogar Renault ou um Odylo Costa Filho, Você pertence à grey (ponho um ipsilon de propósito) que paira acima das controvérsias. É que escreve uma língua tão pura e tão alta que nos transporta para lá do tempo e do lugar.” (Lima, 1971)

Se Godofredo Filho se recusou o papel de Paulo de Tarso do modernismo na Bahia, não conseguiu, no entanto, com o pudor do seu recolhimento, ou com ambivalência trazida pela força da tradição, fugir à condição de um pioneiro. Ou, mais ainda, de um Poeta pleno e fulgurante. De um “poeta federal”, no dizer de Drummond. E é a isso que louvamos com entusiasmo, na esperança de demover o alquimista do silêncio, para que um dia, que não está longe, o público leitor possa ter uma amostragem da trajetória poética de GF. Uma edição retrospectiva que publique desde os poemas de *Samba Verde* até a sua recôndita e veladamente citada *Balada da dor de corno* –

“Na praia da Conceição
afoguei meu coração.
Vinha o Nordeste montado
num potro de crinas d’água”

– despindo, por inteiro, este poeta que se debate entre dois metais ardentes: o pecado e a virtude, a sensualidade da carne e a fé do espírito, o momento mais que imperfeito do homem e a promessa de uma “cidade solar do Apocalipse”, para usarmos a expressão cunhada por D. Timóteo Amoroso Anastácio (1972).

Referências e Bibliografia não referenciada

- ALVES, Ívia. *Arco & Flexa. Contribuição para o estudo do modernismo*. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.
- ANASTÁCIO, D. Timóteo Amoroso. Apresentação do álbum *Breve Romancero do Natal*, Salvador, Beneditina, 1972.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A Godofredo Filho. In: SEIXAS, Cid. *Godofredo Filho, irmão poesia*. Cidade da Bahia, Oficina do Livro, 1992, contracapa 4.

- ANDRADE, Mário de. Bilhete de apresentação de Godofredo Filho a Couto de Barros. *Jornal de cultura*, n 12 (Suplemento do *Diário de Notícias*). Número especial dedicado a Godofredo Filho. Org. Cid Seixas. Salvador, 5 mai. 1974.
- ANDRADE, Mário de. Modernismo. O empalhador de passarinho. São Paulo, Martins; Brasília, INL/MEC, 1972, p. 185 e 185.
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau Brasil. *Obras Completas*, vol. VI, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador, UFBA / Centro Editorial e Didático, 1989.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. Poesia. Org. e notas de Maria Eugênia Boaventura. Salvador, Fundação das Artes / EGBA, 1990.
- BOSI, Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*, 2ª ed., São Paulo, Cultrix, 1974.

- BANDEIRA, Manuel Bandeira. *Apresentação da poesia brasileira*, Rio de Janeiro, Ed. Ouro, 1967.
- BANDEIRA, Manuel Bandeira. Godofredo Filho *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1927.
- CAMPOS, Augusto de. *Re-visão de Kilkerry*, São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970.
- CHIACCHIO, Carlos. Poesia Nova. *A Tarde*, Salvador, 10 jan. 1925.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *A alquimia generativa do bruxo Godofredo Filho*, Separata da Revista *Ocidente* vol. LXXXI, Lisboa, 1971.
- GODOFREDO FILHO. O artista poderá servir-se da causa, mas, esta, jamais, do artista. *Diário de Notícias*, Salvador, 2 nov. 1952. Entrevista concedida a Cláudio Tavares.
- GODOFREDO FILHO. *Irmã poesia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Secretaria de Estado da Educação e Cultura da Bahia, 1986.

- GODOFREDO FILHO. Poemas e textos inéditos. *Jornal de Cultura*, n° 12. (Suplemento do *Diário de Notícias*). Número especial dedicado a Godofredo Filho. Org. Cid Seixas. Salvador, 5 mai. 1974, p. 5, n° 12.
- GODOFREDO FILHO. Poema da Feira de Sant'Ana. Ilustrações de Carybé. Coleção Ilha de Maré. Salvador, 1977. Folhas soltas em pasta ou carpeta de cartolina.
- GODOFREDO FILHO. *Samba Verde*, Rio de Janeiro, Pongetti, 1928.
- GOMES, Eugênio. Cinquentenário de um poeta. *Letras e Artes*, Rio de Janeiro, Empresa A Noite, 6 abr. 1954.
- GRIECO, Agripino. Godofredo Filho. *O Jornal*. Rio, 18 nov. 1934.
- KILKERRY, Pedro. Quotidianas. *Jornal Moderno*, Bahia, 4 mar. 1913, p. 3.
- LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Godofredo Filho. Rio de Janeiro, 18 set. 1971. *Jornal de Cultura*, Salvador, 5 mai. 1974, p. 2.

- LIMA, Alceu Amoroso. Carta a Godofredo Filho. *Sete Cantares de Amigo*. Cidade da Bahia, Edições Arpoador, Fundação Cultural do Estado, 1975. (Coleção Jogral)
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*, 4^a ed., São Paulo, Cultrix, 1974.
- O JORNAL. Rio de Janeiro, 29 mai. 1927.
- O GLOBO. Rio de Janeiro, 20 ago. 1928.
- PONDÉ, Consuelo. Godofredo Filho, uma doce e perene lembrança. Salvador, *Tribuna da Bahia*, 2013. <<http://www.tribunadabahia.com.br/2013/01/16/godofredo-filho-uma-doce-perene-lembranca>>
- POUND, Ezra. *Abc da literatura*, São Paulo, Cultrix, 1970.
- SCHMIDT, Augusto Frederico. Crítica. *Revista da semana*, n^o 14. Rio de Janeiro, 1957.
- SEIXAS, Cid. Godô, o Velho Bruxo. *Godofredo Filho, irmão poesia*. Cidade da Bahia, Oficina do Livro, 1992, p. 9-10.

- SEIXAS, Cid. Iararana, um documento dos anos 30. In: Cyro de Mattos; Aleilton Fonseca. (Org.). *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus: Editus, 2005, v. 1, p. 143-156.
- SEIXAS, Cid. Modernismo e diversidade: impasses e confrontos de uma vertente regional. *Léguas & Meia*, Feira de Santana, v. 3, n.2, p. 52-61, 2004.
- SEIXAS, Cid. Modernismo e tradicionalismo na Bahia. *Jornada*, v. 2, n 2, 2010. <<http://www2.uefs.br/jornada/index.html> ou <http://jornadaonline.blogspot.com.br/2010/01/modernismo-e-tradicionismo-na-bahia.html>>
- SEIXAS, Cid. *Três temas dos anos trinta. Textos de crítica literária*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003. (Cadernos de Sala de Aula)
- SEIXAS, Cid. *Triste Bahia, Oh quão dessemelhante! Notas sobre a literatura na Bahia*. Salvador, Secretaria da Cultura, coleção As Letras da Bahia, 1996.

Cid Seixas é escritor e jornalista. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre em Linguística pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Professor Titular da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Além de ter colaborado com jornais e revistas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

Bilhete de
Mário de Andrade

(1927)

Couto de Barros.

Eu gosto muito de Godofredo Filho e quero pedir para você fazer as honras da nossa terra pra ele.

Escrevo nisso porque cadê cartão? Cartão está na mala grande lá no hotel e eu nesta Cabaca grande comendo uma peixada à moda da casa com vinho Granjô e quase desistindo de falar brasileiro diante destas tradições gostosas.

Mostre coisas bem bonitas, heim! Arquiteturas, Tarsila, São Bento, Guilherme com Baby, você, prudencial e cômico etc.

Mário de Andrade